
(Re)pensando o jornalismo: contribuições espanholas

Christa Berger¹

Frederico de Mello B. Tavares²

Resumo: Este ensaio busca mapear a trajetória e algumas tendências sobre o estudo do jornalismo a partir de contribuições presentes na literatura espanhola sobre o tema. Realiza-se um percurso que situa historicamente publicações da chamada “Periodística”, elencando aspectos interessantes para se pensar uma “virada crítica” sobre os estudos da mesma. Neste viés, focaliza-se a noção de “gênero jornalístico”, observando dentro da teoria jornalística o caráter “manualista” dos textos que a abordam tanto no jornalismo cotidiano, quanto no jornalismo especializado. Com base neste contexto e apoiados na noção de “giro lingüístico”, aponta-se para a necessidade de se repensar as teorias e a prática jornalística a partir de uma outra relação com a realidade, bem como a compreensão do lugar do jornalismo na mesma.

Palavras-chave: jornalismo; gênero; giro lingüístico

Abstract: This paper aims at mapping the history and some trends on the Spanish literature about journalism. The article follows a route which historically locates publications of the so called “Periodística”, pointing out some interesting aspects for a “critical turn” in these studies. Focusing on the notion of “journalistic genre”, it notices the instrumental character that drives researches both on daily journalism and on expert journalism. Based on this, and supported by the idea of a “linguistic turn”, the paper points out the need to re-think theories and practices of journalism from a different perspective, establishing a new relationship with reality and a new understanding of the role of journalism on it.

Keywords: journalism; gender; linguistic turn

¹ Professora Titular (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Pesquisadora do GP “Estudos em Jornalismo” (Unisinos/CNPq). Bolsista de Produtividade em Pesquisa, nível 2 (CNPq). E-mail: christab@unisinos.br

² Doutorando em Ciências da Comunicação (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Integra o GP “Estudos em Jornalismo” (Unisinos/CNPq). Bolsista (CNPq). E-mail: fredericombtavares@yahoo.com.br.

Resumen: Este ensayo intenta apuntar la trayectoria y algunas tendencias en el estudio del periodismo desde las contribuciones en la literatura española sobre el tema. Se presenta históricamente algunas de las publicaciones constituyentes de la llamada "Periodística" y se apuntan aspectos interesantes para pensar un cambio en los estudios críticos sobre la misma. En este sesgo, centrándose en el concepto de "género periodístico", se reflexiona acerca del carácter normativo de las teorías sobre el texto periodístico (sea el periodismo noticioso, sea el periodismo especializado). Basándose en este contexto, y a partir de la noción de "giro lingüístico", se señala la necesidad de repensar las teorías y la práctica del periodismo desde una relación diferente con la realidad y una comprensión del lugar del periodismo en ella.

Palabras-clave: periodismo; genero; giro lingüístico

1. Estudos de Jornalismo na Espanha³

Na Espanha, do mesmo modo que no Brasil, os estudos de jornalismo estão diretamente ligados ao surgimento das Faculdades de Comunicação. E, ainda que tenham surgido escolas profissionalizantes desde os anos 1930, vinculadas principalmente à Igreja, é somente no princípio dos anos 1970 que as universidades espanholas acolhem o ensino de jornalismo. Também como no Brasil, os professores foram recrutados entre os jornalistas que tivessem formação acadêmica. E estes provinham, em geral, dos cursos de Direito, de Filosofia e Letras.

Diferente de outras culturas acadêmicas da Europa, em que os estudos remontam ao século XIX, como é o caso da Alemanha e França, na Espanha, entre os textos mais antigos sobre a profissão, figuram algumas obras do começo do século XX. Os manuais de Augusto Jerez Percher, Modesto Sanchez Ortiz, Rafael Mainar, Josep Morato i Grau⁴, já voltados para a produção jornalística, antecipam futuros paradigmas acadêmicos, principalmente sobre a teoria dos gêneros jornalísticos e da prática de valoração e seleção de notícias, hoje denominada de análise das "rotinas jornalísticas". Outro autor que figura entre os precursores, segundo Lorenzo Gomis (In: Gomis et al. 2002), é Manuel Graña Gonzalez que em 1930 publicou um programa de ensino de jornalismo marcado na tradição norte-americana, "cuyos paradigmas aparecieron

³ A trajetória histórica e bibliográfica sobre o jornalismo espanhol aqui apresentada resgata algumas passagens das falas dos professores Lorenzo Gomis, José Luis Martinez Albertos, Luis Núñez Ladevéze e Josep Maria Casasús, publicadas em entrevista presente no n° 28 da revista *Anàlisi* da Universidade Autônoma de Barcelona. (Referência ao longo do texto: Gomis et al., 2002).

⁴ Ver: Augusto Jerez Perchet. *Tratado de Periodismo*. Granada, 1901; Modesto Sanchez Ortiz. *El Periodismo*. Madrid, 1903; Rafael Mainar. *El arte del periodista*. Barcelona, 1906; Josep Morato i Grau. *Com es fet un diari*. Barcelona, 1918.

sistematizados finalmente en la obra de Carl Warren⁵, en 1934, y consolidados en los tratados más recientes del grupo de Missouri⁶ (Gomis In: Gomis et al., 2002: 162).

Mas é somente na década de 1970 que vão surgir estudos de jornalismo realmente elaborados por professores e investigadores ligados aos cursos de graduação da área. Como aponta Gomis (In: Gomis et al., 2002), as primeiras obras significativas deste grupo de textos são escritas na perspectiva do ensino de redação jornalística, tendo como representantes os livros de Jose Luis Martinez Albertos, Luis Nuñez Ladevèze e do próprio Gomis⁷. Todas elas, claramente inscritas na tradição anglo-americana.

No contexto de surgimento de tais livros, a necessidade de ensinar redação jornalística, disciplina fundamental em todos os currículos, explicava a ênfase na distinção entre notícias e comentários e a proximidade ao paradigma de Lasswell, bem como ao paradigma anglo-americano que cunhou o axioma: “os fatos são sagrados, os comentários são livres”⁸. Ainda que a realidade mostrasse que nem os fatos eram tão sagrados nem os comentários tão livres, era assim que se ensinava (Gomis et al., 2002).

A primazia do viés estadunidense não impediu que algumas influências européias ocorressem. Neste âmbito, pode-se destacar a influência da escola alemã nos estudos de redação jornalística, basicamente, na obra de Alfonso Ungria e Juan Beneyto⁹, na qual aparece, principalmente, a influência do pensamento de Otto Groth. Na escola de Pamplona, a tradição alemã, em parte influenciada pela tradução ao castelhano da obra clássica de Emil Dovifat¹⁰, deixa marcas. Como exemplo desta influência, pode-se citar a obra de Angel Faus Belau sobre Otto Groth, publicada pelo Instituto de Jornalismo da Universidade de Navarra¹¹.

⁵ Ver: Carl N. Warren. *Modern News Reporting*. Traduzido ao castellano com o título de *Gêneros Periodísticos Informativos*. Barcelona: ATE, 1975.

⁶ Ver: Brian S. Brooks; George Kennedy; Daryl Moen, Don Ranly. *News reporting and writing*. New York, St.: Martins Press, 1988.

⁷ Ver: José Luis Martinez Albertos. *Redacción Periodística*. Barcelona: ATE, 1974; Lorenzo Gomis. *El medio media*. Madrid: Seminarios y Ediciones, 1974; Luis Nuñez Ladeveze. *El lenguaje de los “media”*. Madrid: Pirámide, 1979.

⁸ No comentario crítico de José Luiz Martinez Albertos, “éste es un axioma pragmático, ideado para el ejercicio de la práctica profesional, es decir, para ser utilizado de tejas abajo” (Martínez Albertos In: Gomis et al., 2002: 179)

⁹ Ver: Alfonso Ungria. *Grandeza y servidumbre de la prensa*. Madrid: Editorial España, 1930; Juan Beneyto. *El saber periodístico*. Madrid: Editora Nacional, 1965.

¹⁰ A obra de Emil Dovifat (*Periodismo*) foi traduzida ao castelhano em 1959 e contribuiu para a aproximação da “Periodística” aos estudos na Espanha.

¹¹ Ver: Angel Faus Beau. *La ciencia periodística de Otto Groth*. Pamplona: Instituto de Periodismo de la Universidad de Navarra, 1966.

Apesar destes exemplos, a tradição da “Periodística” alemã nunca se fez presente no âmbito acadêmico espanhol de forma regular. Como exceção, pode-se apontar o trabalho de Josep Maria Casasús que reconheceu a importância destes estudos, inclusive recentemente (In: Gomis et al. 2002), quando se referiu a esta ausência e chamou a atenção para a obra de Siegfried Weischenberg e de Walther von la Roche¹².

No decorrer das décadas pós-1970, os estudos de jornalismo espanhóis ampliaram-se, principalmente, pelo viés da Semiótica e da Sociologia. O professor Miquel de Moragas é citado como uma referência deste momento em que a produção dos primeiros licenciados em Ciências da Informação, com vocação para a docência e a pesquisa, como é o caso dos professores Josep Maria Casasús e Luis Nuñez Ladeveze, começa a se destacar (Gomis et al., 2002). A obra destes professores, *Estilo y Generos Periodisticos* é exemplar da fundação da disciplina no âmbito universitário espanhol. Casasús, afirma que a sua produção reflete o percurso dos estudos de jornalismo:

En los libros y artículos académicos que he publicado sobre redacción periodística y sobre teoría del periodismo he tratado de tensar vínculos, en los objetivos y métodos de investigación, desde la periodística hasta las corrientes renovadas que, de alguna manera, parten de la lingüística: en los primeros años sesenta lo hice con el estructuralismo¹³ y desde los años ochenta, con la teoría de la argumentación, la pragmática literaria y la estética de la recepción¹⁴ (Casasús In: Gomis et al., 2002: 166).

Na opinião do autor, a incorporação à “Periodística” das concepções construtivistas, materializadas nas correntes da crítica e história literárias conhecidas com as denominações de “Estética da Recepção”, de Hans Robert Jauss e de Wolfgang Iser, por uma parte; e da Teoria Empírica da Literatura, de Sigfried Schmidt, por outra, contribuíram “positivamente ao debate sobre a renovação da investigação e da docência na Espanha”.

Dado este rápido cenário, pode-se dizer que a tensão existente nos estudos de jornalismo na Espanha caminhou em torno da compreensão da linguagem e dos conceitos chave para o jornalismo – *objetividade e gênero* – que daí resultam¹⁵. Ainda que desde o seu primeiro livro, Lorenzo Gomis (1974)

¹² Walther von la Roche. *Einführung in den praktischen Journalismus. Journalistische Praxis*. Munich: List Verlag, 1991.

¹³ Ver: Josep Maria Casasús. *Ideologia y análisis de medios de comunicación*. Barcelona: Dopesa, 1972.

¹⁴ Ver: Josep Maria Casasús. *La pragmática periodística com a superació dels vells estudis de Redaccio Periodística*. Periodística, 4. Barcelona: Societat Catalana de Comunicacio, 1991.

¹⁵ Aqui se enfrentam os defensores da teoria tópica da linguagem, que negariam a possibilidade de uma linguagem capaz de recitar a realidade e os representacionistas, que confiam na capacidade da linguagem para dar conta do que acontece. Os primeiros provêm da filiação relativista e os segundos, realistas-positivistas.

introduza a definição de operador semântico para o jornalista e quatro anos mais tarde Martinez Albertos¹⁶ a referenda, contradizendo a concepção clássica do jornalista como mero recitador da realidade, esta concepção permanece até hoje como hegemônica. Lorenzo Gomis acredita que, neste processo, o conceito de fato/acontecimento é que ficou questionado.

La víctima de este proceso ha sido el concepto de hecho, hoy visto como ingenuo, y por consiguiente el de noticia como redacción objetiva y profesional de un hecho que se transmite al público. Pero a este resultado se ha llegado al menos por dos caminos. Uno ha sido la asimilación y digestión de la lingüística y sus derivados, desde Saussure hasta Austin y su estudio de cómo hacer cosas con palabras o Derrida y su desconstrucción de un texto. La realidad transmitida por los medios se ha vuelto así, bajo el microscopio, tan relativa y fluida como el propio texto. El otro camino ha sido la observación participante de los sociólogos que se han metido en los medios para estudiarlos por dentro. Herbert Gans (...) quiso ver de cerca cómo se decide qué es noticia en las redacciones de los noticiarios televisivos de la CBS y la NBC y las de los semanarios Newsweek y Time (Gomis et al., 2002: 168).

Assim, além do questionamento lingüístico, a proposição metodológica do *gatekeeper*, também absorvida pelos estudos espanhóis, ajudou a clarificar o “outro lado” da objetividade jornalística. A perspectiva sociológica, explicava as rotinas na produção das notícias apontando para os jornalistas que, ingressando como aprendizes em uma redação, subiam na escala profissional à medida que aprendiam a oferecer notícias que agradavam ao diretor e que se publicavam com destaque no jornal (Gomis et al., 2002).

Nos anos 1980, período da “segunda geração” de professores e pesquisadores de jornalismo, se destaca um jornalista uruguaio que chegando à Espanha ingressa na vida acadêmica: Héctor Borrat. Sua obra significativa¹⁷, o livro *El Periódico, actor político* ficou marcado por trazer uma nova proposta para pensar o jornalismo. Em um texto mais recente *Paradigmas alternativos y redefiniciones conceptuales en comunicación periodística* (2002), ainda ecoam (de forma atualizada, claro) alguns de seus preceitos: o jornalismo é um sistema

¹⁶ Ver: José Luis Martinez Albertos. *La noticia y los comunicadores públicos*. Madrid: Pirámide, 1978.

¹⁷ Algumas importantes obras de Borrat: *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1989; *Hacia una teoría de la especialización periodística*. *Anàlisi*, 15, 1993; *Las relaciones transparencia-secreto y otros desequilibrios*. *Trípodos* 1, 1996; *El mito Diana: devotos, explotadores y hermeneutas*. *Trípodos* 3, 1997; *Hermeneutas todos*. *Comunicar* 14, 2000; *El primado del relato*. *Analisi*, 25, 2000; *Paradigmas alternativos y redefiniciones conceptuales en comunicación periodística*. *Analisi* 28, 2002.

de ação social; a “Periodística”, deve ser considerada uma ciência do texto e uma ciência histórica¹⁸.

Para descrever a pesquisa dos anos 1990, da novíssima geração de pesquisadores, Albert Chillón e David Vidal são representativos¹⁹ entre os que insistem no “giro lingüístico” para o jornalismo. É Chillón quem, com boa referência teórica da Lingüística e da Filosofia da Linguagem, propõe que o conjunto de reflexões acerca da linguagem seja incorporado pelos estudos de jornalismo, nos quais há carência desta reflexão e cuja introdução mudará a perspectiva em relação à retórica da objetividade e da noção de realidade. No artigo *El giro lingüístico y su incidencia en la comunicación periodística*, Chillón (1998: 97 – 98) conclui com alguns corolários sua proposição acerca do “giro”:

I – El giro lingüístico debe ser el cimiento sobre el que se edifique no sólo una imprescindible teoría de los géneros periodísticos, sino una teoría de los géneros de la comunicación mediática considerada en su conjunto. Tales teorías genológicas deben sustituir sin ambages los enfoques vigentes, de carácter normativo y preceptivo, por enfoques de tenor *analítico y descriptivo*, que partan del *estudio inductivo* de las modalidades realmente existentes – géneros, formatos, estilos y, en fin, los modos diversos de enunciación periodística – teniendo muy presente su sustantiva naturaleza lingüística y retórica.

II – El giro lingüístico hace trizas las habituales distinciones de sentido comun entre periodismo y literatura. No, desde luego, negando sus evidentes diferencias, sino exigiendo un replanteamiento radical de la ya vieja discusión, a la luz de la plena conciencia sobre el papel crucial que las palabras juegan en una y otra actividad (...).

III – El giro lingüístico permite replantear sobre las bases nuevas la reflexión sobre el estatuto epistemológico de los enunciados periodísticos, es decir, sobre sus complejas y variables relaciones con lo *facticio* y lo *ficticio*.

IV – El giro lingüístico aconseja vivamente volver la mirada no sólo hacia los estilos de la escritura, sino también hacia aquéllos de la compleja y diversa oralidad mediática, en general descuidada por los investigadores, a pesar de las notables excepciones recientes²⁰.

V – El giro lingüístico permite concebir y postular el periodismo como *escritura* y no como mera *redacción*, esto es, como expresión crítica y culta y no como simple recetario instrumental. Una escritura *cultivada*, pues, por *escritores* y no por meros *escribidores* que, en su

¹⁸ Neste texto especificamente, é a discussão em torno do conceito de jornalismo como interação social e narração aquela que sobressai.

¹⁹ Tal representatividade pode ser apontada pela sua produção, pela citação por outros autores, e por terem o mais acabado argumento sobre a necessidade de introduzir e conhecer a discussão oriunda de outras disciplinas sobre a linguagem e suas relações para se pensar o jornalismo.

²⁰ O autor faz referência em nota de rodapé aos trabalhos sobre a entrevista jornalística.

búsqueda de la calidad y de la excelencia comunicativas, posterga tanto el ornamento vano cuanto la anemia expresiva en beneficio de una representación *elocuente* de la realidad, es decir: precisa e inteligible, desde luego, pero también expresiva y responsable.

David Vidal Castell (2002) continua a argumentação iniciada por Chillón²¹. No artigo *La transformació de la teoria del periodisme: una crisi de paradigma?*, o autor pensa a teoria do jornalismo e sua relação com os saberes sobre a produção do conhecimento na sociedade (questão também aparente no texto de Chillón) e coloca a teoria jornalística como uma “nota de rodapé da teoria do conhecimento”.

Desde a década de 1920, o jornalismo é concebido pelos norte-americanos Walter Lippman e Robert Erza Park²², como uma forma de conhecimento e, desde essa mesma época, são as questões colocadas pela teoria do conhecimento (esta “filosofia da suspeita”) que invadem e problematizam o conhecimento do jornalismo.

Neste contexto, uma questão de fundo se mantém. Quando os estudiosos do jornalismo ampliaram seu universo de leitura, incorporando as disciplinas das ciências humanas, depararam-se com alguns textos profundamente questionadores das bases axiológicas da sua matéria. Nietzsche, Steiner²³, Foucault, os espanhóis Lluís Duch²⁴ e José Maria Valverde e também ficcionistas como Kafka e Musil, apenas para ficar nos mais citados por estes estudiosos, ao refletirem sobre as palavras e sua relação com as coisas enunciadas, perturbam a lógica na qual o jornalismo se funda para explicar seu ofício. Quando a linguagem passa a ser um problema do jornalismo, este perde o ponto de vista estruturante de sua concepção.

O acesso a estas “descobertas” questiona de forma radical o princípio sagrado do jornalismo – a objetividade. Como defender o axioma – “os fatos são sagrados, a opinião é livre” – depois de compreender que as coisas, os acontecimentos, não atravessam incólumes, através das palavras, a percepção mental do jornalista e do leitor?

²¹ O texto também se encontra na revista *Anàlisi*, agora no nº 28. Tanto este volume, como o correspondente ao nº 22, onde se encontra o texto de Chillón, são dedicados ao jornalismo.

²² Alguns importantes textos de ambos os autores sobre a questão do conhecimento no jornalismo e o papel deste na sociedade foram recém publicados em português no segundo volume da coletânea *A Era Glacial do Jornalismo* (Berger; Marocco, 2008).

²³ Sobretudo, George Steiner é citado por Chillón e Vidal pelas obras: *Antígonas. Una poética y una filosofía de la lectura*, 1966; *Extraterritorial*, 1973; *Lenguaje y silencio*, 1982; *Después de Babel*, 1990; *Presencias Reales*, 1991.

²⁴ Duch fala na natureza logomítica da linguagem em *Mite i cultura*, 1995; *Mite i interpretació*, 1996, *La educación y la crisis de la modernidad*, 1997 e nos artigos da revista *Anàlisi*.

Outro princípio do jornalismo que se vê questionado por esta compreensão da linguagem, é a divisão das matérias jornalísticas em gêneros. Se as palavras constituem os fatos e, estas são selecionadas por um sujeito em seu contexto histórico, como distinguir uma matéria opinativa de uma informação? A informação contém a visão de mundo de quem a elaborou, assim como a opinião não está isenta de informação. E, radicalizando na direção dos gêneros, como separar o texto de realidade da narrativa de ficção?

A Sociologia, em sua época de disciplina hegemônica, pretendeu responder à questão da objetividade jornalística através da noção de ideologia. Era uma boa alternativa para tempos em que a censura impunha a versão dos fatos. Totalitarismos e ditaduras são incompatíveis com o exercício do jornalismo, logo, nestes regimes, a verdade dos fatos era obstaculizada pela intervenção política e esta, sendo superada, naturalmente faria florescer a imprensa objetiva com os fatos contados nas páginas de informação e interpretados nas colunas de opinião. A impossibilidade da transparência dos acontecimentos era uma questão política²⁵.

Hoje, no entanto, seguindo a perspectiva da linguagem, a questão é o que fazer com este conhecimento, como dar sentido à produção jornalística pós “giro lingüístico”? O reconhecimento de que não existe a possibilidade da objetividade não anula a necessidade de se diferenciar a informação (mesmo reconhecendo-a como enunciado de um sujeito), do comentário assinado ou do editorial e da opinião. Mais que isso, implica entender o que significa o jornalismo e como sua organização (interna e externa) deve lidar com a sua própria complexidade.

No cruzamento da tríade “objetividade – realidade – gêneros”, a literatura sobre jornalismo, principalmente aquela voltada para o “o quê e como fazer”, acaba, na maioria das vezes, por “encarnar” um tom prescritivo que considera questões ideais tanto com relação ao profissional, quanto com relação à produção do texto. “O jornalista deve ser/estar”, “o texto deve ser/estar”. Ambas são expressões comuns de se encontrar nos livros espanhóis (e também nos brasileiros) que visam falar/ensinar sobre jornalismo.

Tal movimento, no entanto, não pode ser desprezado, pois justamente a partir do saber que se formaliza em tais publicações/textos é que são criados e legitimados certos parâmetros para pensar o campo e seu capital simbólico. Buscar um sentido complexo para a produção jornalística, portanto, implica em observar como esta se constitui teoricamente e como se pode vê-la por outros ângulos. De uma idéia “manualista” que classifica o gênero como forma de atuação, para uma noção que retrabalhe o lugar e o sentido do texto que aí se produz.

²⁵ Não estamos considerando neste cenário as perspectivas construtivistas que marcaram o surgimento de uma concepção de “construção social da realidade pelo jornalismo”, as quais, inclusive, fizemos menção anteriormente.

2. No gênero para pensar o “giro”

A noção/conceito de gênero está ligada a um movimento classificatório/conceitual que ainda está longe de um consenso. De um ponto de vista lingüístico, por exemplo, as discussões sobre o discurso, incluindo aí a questão do gênero e do tipo de discurso, ecoam nas perspectivas de autores diversos (Foucault, Bakhtin, Pêcheux, Maingueneau, Charaudeau, Landowski, Van Dijk e outros). Em tais perspectivas e estudos, muitas vezes, o texto jornalístico aparece tangenciado ou em foco, colocando em evidência uma série de aspectos do uso social da língua e da produção de sentidos na sociedade, bem como maneiras de se pensar e entender o jornalismo contextual e linguisticamente. Das reflexões deste grupo, muito vem se buscando para a construção de uma visão crítica sobre o jornalismo, que dê conta de novas teorias e que inspire novas práticas.

Especificamente no contexto jornalístico, conforme ressalta a professora Sonia Fernández Parratt da Universidade de Santiago de Compostela,

La teoría clasificadora de los géneros periodísticos no se creó inicialmente con una preocupación filológica o literaria, sino más bien como una técnica de trabajo para el análisis sociológico de carácter cuantitativo de los mensajes que aparecían en la prensa, perfilándose posteriormente como una doctrina filológica propia de la Sociolingüística, de gran utilidad para hacer valoraciones críticas de carácter literario y lingüístico (Parratt, 2001).

Parratt, que associa tal teoria aos esforços de Jacques Kayser na formulação de uma noção de “gênero periodístico” (como um dos critérios para a classificação dos textos jornalísticos), ainda lembra os apontamentos do professor Lorenzo Gomis (1989)²⁶, para quem a teoria dos gêneros se apresentou como um método seguro para a organização pedagógica dos estudos universitários sobre o “Periodismo”²⁷.

²⁶ Ver: Lorenzo Gomis. “Gèneres literaris y gèneres periodístics”. In: *Periodística*. Barcelona, 1989, p. 129 – 141.

²⁷ Complementa a autora: “Aunque los géneros periodísticos son, como los literarios, principios de orden y clasificación de textos, Gomis considera que existe una serie de diferencias que hacen que el concepto de género periodístico sea aún más necesario al Periodismo y a la Periodística de lo que el género literario es a la Literatura y a la teoría literaria. Una de esas diferencias es que mientras que la literatura imita acciones de la realidad construyendo ficciones semejantes y creando personajes, la función principal del periodismo es hacer saber y hacer entender hechos reales, explicando lo que pasa realmente a personajes conocidos y lo que les puede pasar a los lectores como consecuencia de los hechos que se están comunicando. De ahí que los géneros periodísticos tengan menos libertad que los literarios” (Parratt, 2001). A questão da liberdade, tal como aí colocada, aponta para uma idéia de um estilo “conformado” (também no sentido de “in-formado”) para o texto jornalístico, o que, a partir da proposta do “giro lingüístico” apontada anteriormente, merece, a nosso ver, um outro olhar.

Neste contexto, o ensino da noção de “gênero jornalístico” associou-se historicamente às disciplinas voltadas para a redação jornalística e marcou, na tentativa de criar características e técnicas de redação, a fundação de tipos de jornalismo e de fazer jornalísticos, bem como de classificação dos mesmos por meio da tipificação de certas normas e estilos, meios e práticas.

Por este motivo, de um ponto de vista da “Teoria do Jornalismo” ou da “Periodística” espanhola, a noção de gênero “resvala” muitas vezes numa espécie de “manualismo” que, ao mesmo tempo em que aponta para uma regulação própria dentro do campo para a questão dos gêneros e estilos²⁸, cria certas “fórmulas” que podem engessar não apenas a prática (tanto no seu lugar de realização, quanto no seu lugar de aprendizado), mas também o possível exercício crítico sobre a mesma. O que pode levar a pesquisas cujos resultados (e cujas próprias metodologias, como pode ser verificado) não ultrapassem as classificações (dos textos, das práticas, dos meios, dos estilos) que já estejam postas ou assumidas no campo como canônicas ou exemplares.

Para ilustrar este problema, que também estava apontado em Chillón (1998), a quem nos referíamos anteriormente, abordaremos a seguir a questão do gênero²⁹ nos dois “lugares de excelência” da prática jornalística. O primeiro, amplamente estudado, o do jornalismo dito cotidiano, que busca cobrir o “todo” da realidade do mundo; e o segundo, ainda pouco refletido no Brasil, mas detentor de um certo patrimônio reflexivo na Espanha, o chamado “Jornalismo Especializado” (“Periodismo Especializado”).

As questões que envolvem ambos, bem como aquelas que os diferenciam, são propícias, pensamos, para se tensionar o lugar de definição das práticas jornalísticas, suas características e seus limites; assim como podem permitir uma reflexão sobre a relação jornalismo e realidade. Vale, assim, observar o que se diz sobre elas, bem como as mesmas dizem sobre jornalismo.

2.1. O jornalismo cotidiano e os gêneros jornalísticos

²⁸ Josep María Casaus (1995) ao falar dos gêneros jornalísticos e sua ligação como os gêneros literários, aponta como característica mais marcante do jornalismo moderno a emancipação de seus gêneros textuais frente às atividades que dominaram o exercício dos mesmos até o começo do século XX como a literatura, o Direito ou a Política (Parratt, 2001)

²⁹ Ressaltamos aqui, mais uma vez, que utilizaremos as reflexões sobre gênero apontadas e construídas pela teoria jornalística. Reconhecemos a importância da produção sobre a questão, principalmente nos estudos lingüísticos e culturais, mas não entraremos especificamente nas contribuições daí advindas. Vale dizer também que a escolha pela questão dos gêneros deu-se na tentativa de, a partir destes, tangenciar outras duas noções que lhe acompanham, na nossa visão, indissociavelmente: a de objetividade e a de realidade.

A professora chilena Mar de Fontcuberta³⁰ aponta em seu livro *La noticia: pistas para percibir el mundo* que o principal motivo para a sujeição da linguagem jornalística aos “libros de estilo” (aqui conhecidos como “manuais de estilo”) é a sua busca pela eficácia comunicativa. “Hay un aspecto en el que coinciden todos los estudiosos del periodismo: los periódicos se escriben, fundamentalmente, para que los textos escritos se entiendan de forma rápida y eficaz” (Fontcuberta, 1993: 93). Como ela destaca, o estilo jornalístico deve, basicamente, saber transmitir a notícia, captando e retendo o leitor.

Nesta obra, quando aborda a questão dos gêneros, Fontcuberta aponta para a classificação tradicional: a da existência, no jornalismo, de dois gêneros principais – o informativo e o opinativo – que se constituíram historicamente de acordo com a “evolução cultural” da prática na sociedade. Como coloca a autora, os textos jornalísticos seriam hoje o resultado do desenvolvimento de um estilo de texto, bem como de uma estrutura de produção e de consumo jornalísticos em larga escala. Aspectos estes que levaram não apenas à profissionalização desse fazer “redacional”, como também o separaram de outros “campos da palavra”, principalmente a literatura.

Neste processo histórico, três etapas podem ser reconhecidas (no que diz respeito à consolidação do estilo)³¹. Uma primeira etapa corresponderia a de um jornalista mais “amador”, localizada principalmente na segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século XX, cujo jornalismo poderia ser dito como mais “ideológico”. Neste momento, que pode ser compreendido, aproximadamente, de 1850 ao fim da 1ª Guerra Mundial, tem-se uma imprensa, do ponto de vista formal, como muito poucas informações e muito mais comentários.

Um segundo momento, é marcado por um tipo de jornalismo mais informativo, que se impõe principalmente a partir da década de 1920 (o que não significa, portanto, que não existia anteriormente), e que inaugura um modelo jornalístico de “relato dos fatos”. O jornalismo passa, majoritariamente, a dizer o que aconteceu, e não a expressar opiniões sobre³². E, por fim, um terceiro

³⁰ Mar de Fontcuberta viveu durante muitos anos na Espanha, onde foi professora da Universidad Autónoma de Barcelona.

³¹ Outros dois autores espanhóis, professores da Universidade Complutense de Madrid, apontam para uma divisão da história do jornalismo em dois grandes períodos: um anterior a 1850 e o outro posterior a este ano. Como colocam os professores, é no segundo momento em que se formam e se consolidam as bases para a “nova sociedade industrial”, na qual o jornalismo moderno viria a se constituir e assentar seus alicerces (Fernández Del Moral; Esteve Ramírez, 1996: 69).

³² Como referenda a catedrática de Periodismo da Universitat Pompeu Fabra em Barcelona, Montserrat Quesada Pérez, “el nacimiento del Periodismo informativo marca también el nacimiento de la industria de la prensa en su sentido moderno. (...) Sustituyendo a la información filtrada por el tamiz ideológico, se extiende ahora la fe en la objetividad informativa, en la creencia de que los hechos simples, por sí mismos, deben ser el elemento justo y suficiente para informar sobre la realidad cotidiana” (Quesada Pérez, 1998: 24).

momento, iniciado após a 2ª Guerra Mundial, quando os periódicos viram-se “obrigados” a concorrer mais fortemente com os meios eletrônicos e passaram a realizar um jornalismo mais explicativo, com a pretensão de uma produção noticiosa mais elaborada e mais profunda³³.

O professor José Luis Martínez Albertos³⁴, conforme relembra Quesada Pérez (1998), coloca como função principal deste jornalismo explicativo a de “ayudar al público a distinguir entre lo verdadero y lo falso, y colaborar en la digestión intelectual del lector mediante la exposición de un contexto coherente dentro del que las noticias simples tengan su verdadera y adecuada significación” (Martínez Albertos, 1972: 155 *apud* Quesada Pérez, 1998: 25). Deste último tipo de jornalismo é que, como apontam outros autores, nascerá posteriormente o dito “Jornalismo Especializado”, do qual ainda falaremos mais especificamente.

Assim, destas três grandes etapas é que se pode reconhecer o surgimento e a consolidação dos principais “gêneros jornalísticos” – informativo e opinativo – e alguns de seus subgêneros. Fontcuberta (1993) elenca entre estes últimos aqueles que seriam “os quatro tipos fundamentais”: a notícia, a reportagem, a crônica e o artigo ou comentário.

Vale dizer, no entanto, como a própria autora reconhece, que, assim como nos gêneros literários, não é possível afirmar uma fixidez para os gêneros jornalísticos afirmando sua condição de imutável. O que, portanto, coloca em questão a própria funcionalidade da noção de gênero como ferramenta de classificação ou como “ferramenta de trabalho” jornalístico.

Contraditoriamente, entretanto, é na existência deles e em suas diretrizes ou definições (como se pode ver acima nas palavras de Martínez Albertos sobre o jornalismo explicativo), que se mantém, no saber sobre a organização jornalística, uma espécie de receituário sobre a prática, ainda muito “preso” tanto a uma condição ideal sobre a profissão, quanto a uma necessidade de enquadramento dela própria e da própria realidade. Nesse sentido, mantém-se, na formulação do “que deve ser” e do “como deve ser”, uma visão simplificada dos objetivos e funções que devem ou podem assumir. Considera-se a produção, mas pensa-se, por exemplo, muito pouco sobre o produto no que iria além da sua “tipologia” ou classificação.

Nesse sentido, a racionalização do fazer jornalístico aí esboçada coloca em evidência a possibilidade e a necessidade de pensarmos hoje, em ambos (ou todos) os gêneros, o que significa informar e opinar, ou explicar algo. Ver tais

³³ “El Periodismo informativo se verá, entonces, progresivamente arrinconado y sustituido por la aparición de un nuevo modelo: el *periodismo explicativo*, que se caracterizará hasta nuestros días por su mayor capacidad de interpretación de la realidad, solamente factible gracias a la también mayor profesionalidad de los periodistas” (Quesada Pérez, 1998: 25).

³⁴ Ver: José Luis Martínez Albertos. *La información en una sociedad industrial*. Madrid: Ed. Tecnos, 1972.

operações não apenas como objetivos dados e concretos, mas como lugares possíveis de problematização do jornalismo. Tal perspectiva seria propícia, por exemplo, para se refletir sobre outras classificações por áreas tradicionais existentes dentro do jornalismo (como o jornalismo esportivo, político, de comportamento, para citar alguns exemplos), bem como por algumas metodologias jornalísticas atualmente difundidas como o jornalismo investigativo, o jornalismo interpretativo e o jornalismo de precisão. Além disso, o mesmo valeria para pensar o “jornalismo midiológico”³⁵ e as diferentes definições e classificações que o envolvem e que necessitam, a nosso ver, de um olhar complexo que ultrapasse pontos de vista, muitas vezes, puramente técnicos ou adaptativos (no que diz respeito à linguagem).

Estes últimos, tanto as áreas quanto os métodos e os meios, figuram com destaque nas construções e caracterizações teóricas que refletem sobre “o que seria” e “o que caberia ao” campo do jornalismo especializado.

2.2. O jornalismo Especializado

No interior do campo jornalístico, o jornalismo especializado é visto como formatado por uma dupla exigência: 1) do próprio público, cada vez mais setorizado e/ou, 2) como uma necessidade dos próprios meios para alcançar uma maior qualidade informativa e uma maior profundidade dos conteúdos para os quais se volta (Fernández Del Moral; Esteve Ramírez, 1996). Nesse processo, valoriza-se a competência de tradução de setores muito especializados da vida social – as ciências e a mecânica, por exemplo – em codificações de alcance generalizado.

Debemos entender la especialización como una herramienta disponible hoy día, con el objetivo de ampliar y de hacer comunicables contenidos específicos que, sin ese conocimiento por parte del informador, no podrían ser transmitidos al público con objetividad y seriedad (Atala, 2005: 2).

Atribui-se a esse tipo de jornalismo, portanto, o papel de buscar intermediar saberes especializados na sociedade, construindo um tipo de discurso que, noticioso, ou “apenas” informacional, promova um outro tipo de conhecimento que se funde na compreensão conjunta do universo – geralmente – científico e do senso comum.

Nos estudos da “Periodística Espanhola”, o jornalismo especializado é comumente vinculado ao conceito de IPE (“Información Periodística Especializada”), cujas bases estão voltadas para a idéia de um jornalismo cujos conteúdos informativos não corresponderiam a características de generalismo e

³⁵ Neologismo aqui criado para referir-se àquele jornalismo classificado a partir da tecnologia ou meio ao qual ele se liga. Para citar alguns exemplos: jornalismo impresso, telejornalismo, radiojornalismo, ciberjornalismo.

de superficialidade³⁶. Assim, como apontam dois autores de referência nestes estudos,

la especialización periodística es aquella estructura que analiza la realidad, proporcionando a los lectores una interpretación del mundo lo más cabada posible, acomodando el lenguaje a un nivel en que se determine el medio y profundizando sus intereses y necesidades (Orive; Fagoaga, 1974: 69).

No jornalismo especializado, pode-se dizer, há sempre uma mescla, independentemente do meio e do conteúdo, entre a necessidade de um processo investigativo e interpretativo distinto sobre o mundo e a adequação de termos e lógicas a uma linguagem acessível³⁷. A reportagem, como apontam autores que trabalham sobre o tema, talvez seja o exemplo por excelência das manifestações deste tipo de jornalismo; já que ela acompanha a especialização determinada por um veículo ou seção (de jornal, revista, programa televisivo etc), mas ultrapassa discursivamente o caráter puramente noticioso (no sentido de uma informação rápida e datada), podendo cumprir e exercer um caráter de aprofundamento sobre as especialidades de que trata. Nela, seria possível a “execução” de um jornalismo mais profundo, mais completo, tal qual aquele pensado como “jornalismo explicativo”.

Hector Borrat (1993), em suas reflexões específicas sobre o jornalismo especializado, problematiza um pouco mais sobre o conceito de IPE, lembrando que um de seus dilemas encontra-se localizado na distinção profissional de duas concepções: a de “prensa especializada” e a de “especialistas”. Ambas possuindo obstáculos para a construção de uma concepção própria para o jornalismo especializado (JE), já que, segundo o autor, dever-se-ia pensar o jornalismo especializado não do ponto de vista de quem o produz, mas sim do texto que é produzido.

Nesse sentido, caracterizando o JE como “una manera de producir textos periodísticos”, Borrat evoca os saberes da “Periodística” (tanto o da “teoria normativa”, que marca as regras do “deve ser” da especialização periodística; quanto o da “teoria empírica”, que analisa as narrativas jornalísticas presentes na grande imprensa) para postular o que cabe a uma “teoria do jornalismo especializado”. Assim, focalizando o texto, dever-se-ia observar neste sua coerência interna, sua relação com a realidade e a pertinência teórico-metodológica de sua produção (as categorias e os modelos de análise nele aplicados, não importando a linguagem, o meio e nem o público a que destina). As duas primeiras questões seriam válidas também para o jornalista generalista (que fala sobre os “fatos acessíveis” no mundo), mas a terceira, coloca o autor,

³⁶ Ver: Berganza Conde, 2005; Fernández Del Moral, Esteve Ramírez, 1996; Quesada Pérez, 1998.

³⁷ A professora Montserrat Quesada Pérez (1998) denomina este processo como um “esforço lingüístico” que deve ser realizado pelos jornalistas especializados para transformar em “conhecimento vulgar”, conhecimentos científicos ou altamente especializados.

caberia especificamente ao especialista, cujo conhecimento pleno de um assunto mais elaborado lhe permitiria a confecção de um texto dito especializado.

Apesar de ressaltar a importância da articulação da formação teórico-metodológica com a experiência profissional para a produção de um “bom” jornalismo especializado, Borrat deixa de colocar em questão até que ponto o texto (e sua linguagem) deve ser pensado no todo do processo comunicativo no qual se insere, o que implica, a nosso ver em, sim, pensar também o meio e a audiência. Além disso, ao focalizar o texto como lugar de emergência da teoria, seria necessário mais que classificá-lo (quanto a sua coerência, relação com a realidade ou método – o que também pode levar a uma normatização), também apontar formas interessantes e mais concretas de problematizá-lo. Não invalidamos com isso, o ponto de vista construído (lembrando que não se trata de uma obra completa, mas sim de uma discussão inicial sobre a teoria do jornalismo especializado), mas, ressaltamos, por exemplo, a necessidade de se incluir neste lugar de reflexão questões como as que envolvem o estilo e a autoria; sem querer, com isso, criar novas fórmulas ou questões ideais de produção.

Pensar o texto como lugar de emergência de um objeto (de referência e de estudo) para o jornalismo especializado diz respeito, na verdade, a uma questão de fundo, que permanece relacionada à questão do gênero jornalístico em geral (como vimos anteriormente). Ao se elencar as competências do profissional e as características do texto especializado contrapõe-se e retoma-se o lugar de emergência desta prática especializada e de seus produtos: a informação. A “grande” necessidade de intermediar tematicamente saberes específicos de uma maneira acessível ao público, buscando não apenas transmiti-los, mas também explicá-los (como normatiza a teoria), não anula o fato de que o primeiro lugar onde se fundamenta a especialização periodística é o do ponto de vista informativo (Fernández Del Moral; Esteve Ramírez, 1996).

Por este motivo, quando se fala especificamente em “gêneros” para e no jornalismo especializado, retomam-se as questões “dos aspectos redacionais e de formulação técnica das mensagens informativas gerais” (Quesada Pérez, 1998) como pressupostos para o desenvolvimento e organização dos textos jornalísticos propriamente especializados.

El hecho de que tanto la Periodística como el Periodismo especializado pertenezcan a una misma rama científica facilita la continuidad y progresión de los contenidos que se estudian en una y otra, de manera que la segunda no podría existir si no existiera la primera (Quesada Pérez, 1998: 56).

Considerando o jornalismo de explicação e de interpretação como as duas manifestações (práticas jornalísticas) mais frequentes no jornalismo especializado, a professora Rosa Berganza Conde (2005) destaca que estes, no que diz respeito ao “gênero informativo” encontram-se “plasmados” em informações compostas de notícias agrupadas, majoritariamente, em reportagens, crônicas especializadas e entrevistas. Já no que diz respeito ao “gênero opinativo”, os mesmos encontram-se iam dispostos em editoriais,

colunas, artigos. Ou seja, dispostos nos mesmos subgêneros (Fontcuberta, 1993) apontados para o jornalismo dito generalista.

Nesse sentido, caberia pensar, dentro do aprofundamento proposto para este jornalismo, o significado dos textos ali produzidos, bem como a capacidade interpretativa inerente aos próprios textos, tal qual relembram as teorias sobre o discurso.

O professor Fernández Del Moral (1993 – 1994), define o jornalismo especializado como aquele que dá aos meios de comunicação a oportunidade de responder aos desafios do conhecimento na sociedade contemporânea. Uma sociedade que vem perdendo referências amplas por não saber estabelecer análises profundas e rigorosas da vida cotidiana, relacionando-a à realidade da pesquisa científica. Ao fazer essa ponte, o professor propõe à “Información Periodística Especializada” (não apenas como conceito, mas como disciplina dentro da “Periodística”) o status de “uma nova Sociologia do Conhecimento”, na qual não haveria truques, nem manipulações.

A questão do conhecimento, julgamos, pode ser um caminho para pensar o jornalismo, hoje, de maneira geral, seja ele “generalista” ou “especializado”. Mas do ponto de vista do “giro lingüístico”, do qual partimos aqui, como imaginar uma imprensa sem truques ou manipulações, já que os mesmos, ainda que “positivamente”, fazem parte da construção de sentido na mídia jornalística e do próprio fazer discursivo?

3. Para concluir, um conhecimento triplo: sobre o mundo, sobre a teoria, sobre as palavras

O “apanhado” jornalístico acima realizado nos convoca para uma série de questões, ligadas pelo confronto, que convergem para um ponto: o da ruptura. No questionamento e na reflexão sobre qual seria hoje o lugar da objetividade e do gênero é possível percebermos o cruzamento tensionado de três âmbitos: o da teoria jornalística, o do ensino do jornalismo e o da prática jornalística. Todos cercados por um vetor condicionante de sua ação – a palavra – e envolvidos com um aspecto mais amplo – sua ligação com a realidade.

No caso da teoria jornalística e de seu ensino, o que se mostra é um jogo entre dois lugares. Respectivamente, o da crítica, que revê os postulados – principalmente positivistas – que marcaram a fundação e a constituição do saber jornalístico; e o da racionalização, que, ainda carente de grandes reflexões, mantém uma valoração dos aspectos normativos para a formação do profissional. A resolução deste conflito, se vista pela ótica da Lingüística e da Sociologia, aponta, como vimos, para um rompimento, cujo resultado poderia estar no casamento equilibrado da teoria com o fazer, relevando, principalmente, a compreensão sobre os mecanismos (inerentes) do discurso (seja ele jornalístico ou não) e sobre o papel do jornalismo no mundo, não apenas informando, opinando ou explicando sobre a realidade, mas reconhecendo-se como um de seus integrantes.

Aliado a este possível outro olhar, no que diz respeito à prática, para um jornalista, passa a ser importante compreender o processo de produção da linguagem, principalmente para perder a “ingenuidade” acerca da imparcialidade de sua escritura. Mas é igualmente importante reconhecê-la a fim de não justificar um total descomprometimento em relação à realidade (já que a realidade não existe posso descomprometer-me na descrição dela, já que não existem diferenças substantivas entre os gêneros ficção ou informação, posso escrever e inventar livremente). Na realidade, há um “núcleo duro”; a realidade também resiste à interpretação, há uma persistência do real, como diz Umberto Eco (2000).

Nesse sentido, ler a realidade e pensá-la jornalisticamente implica a reflexão sobre “qual jornalismo” é feito e sobre “como ele é feito”. Nesta perspectiva, estilo e conteúdo devem ser vistos como inseparáveis. A realidade a ser referida pelo jornalista será representada, sempre, por meio do estilo empregado para sua evocação.

Retomando Chillón (1998), é bom lembrar que tal consciência sobre o caráter não adjetivo, mas substantivo do estilo foi freqüente entre os grandes escritores e poetas. E, segundo o autor, foi, talvez, Gustav Flaubert

quien la expresó de modo singularmente hondo y elocuente. (...) El estilo es en sí mismo una manera absoluta de ver las cosas: de la estética realista del gran escritor francés formulada de modo explícito a lo largo de su extensa correspondencia, se desprende un principio estético y epistemológico trascendental: a saber, que el lenguaje no es simplemente un instrumento con el que puede darse cuenta de una realidad presuntamente independiente de él, sino la manera fundamental en que todo individuo experimenta la realidad. El escritor es, según Flaubert, aquel que, a partir de la conciencia sobre la identidad sustancial entre lenguaje, pensamiento y experiencia, configura lingüísticamente la realidad mediante un trabajo incesante y a menudo obsesivo de búsqueda estilística, de voluntad de estilo. El estilo ya no será más, a partir de Flaubert, ni ornamento epidérmico ni simple recurso para cautivar al lector, sino una manera absoluta de ver las cosas (Chillón, 1998: 91).

No que diz respeito aos produtos jornalísticos (os meios) e seus textos (onde o estilo aparece diretamente materializado), a questão do gênero ganha destaque³⁸. Não há como apagar no jornalismo, como vimos, a existência dos gêneros, ainda que questionando-os.

³⁸ Vale lembrar aqui as palavras de Chillón: “En realidad existe una íntima sintonía entre la representación y lo representado, la forma y el fondo, el estilo y el contenido. No es que, dada una cierta realidad objetiva, haya diversas maneras y estilos de referirla, sino que cada manera y estilo suscita y construye su propia realidad representada: la realidad representada por las noticias que publicó el diario *The Kansas Star* en los días sucesivos al crimen múltiple que en 1959 acabó con la familia Clutter en Holcomb (Kansas) no es la misma realidad representada que la evocada a partir de los mismos hechos por el escritor Truman Capote en *In Cold Blood (A sangre fría)*, un

Ao olhar para o mundo, buscando esclarecê-lo, o que importa ao jornalismo é reconhecer, investigar minuciosamente, e expor; ora registrando o acontecimento para a história, ora abordando temas que interessam à sociedade. E ao mesmo tempo, ao saber que em todo o texto há sempre um sujeito que fala, é importante que o jornalista, ao invés de justificar-se e dar vazão à sua subjetividade, saiba que seu trabalho supõe um ser humano íntegro, atento a seus preconceitos, que aprimora a sua humanidade.

Assim, para o jornalista, qual é o sentido de conhecer a crise da linguagem ou as discussões filosóficas sobre o que é realidade? Diferente de outros estudiosos das ciências humanas, para o jornalista esta “descoberta” incide diretamente sobre seu ofício, que é de ação com as palavras para a integração social. Qual outra profissão tem as palavras como instrumento definidor de seu ofício? Este é o sentido que o “periodista” deve dar a este conhecimento: ser primorosamente responsável/atento com o uso das palavras, ser sensível com a história que suas palavras vão tornar verdade. E não ao revés, que seria justificar o não compromisso com os fatos já que as palavras nunca são passíveis de contar a “verdade”.

Dessa forma, o conhecimento jornalístico sobre o mundo deve se dar no compromisso de “conhecer triplamente” a prática, a teoria e as palavras, fazendo emergir, no cruzamento entre elas, uma mediação que não apenas as modifique, mas que, nesta modificação, compreenda o jornalismo como sendo do mundo e no mundo, dele fazendo parte e, portanto, reciprocamente, contribuindo para sua densidade.

Referências

- ATALA, Fernando Gutierrez. “Bases conceptuales para considerar (y transformar) al periodismo de investigación una nueva herramienta de especialización informativa”. In: *Estudios de Periodismo y Relaciones Públicas*. Comunicación y Política. Universidad de Viña del Mar. Chile. Año V – N° 5 – Segundo semestre 2005. Disponível em: <http://www.uvm.cl/comunicaciones/estudios2005/Ponencia%206%20GUTIERREZ.doc>. (Acesso em Abril de 2008).
- BERGANZA CONDE, Rosa Maria. *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 2005.
- BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz. *A Era Glacial do Jornalismo: Teorias Sociais da Imprensa – Volume 2*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- BORRAT, Héctor. “Paradigmas alternativos y redefiniciones conceptuales en comunicación periodística”. *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, nº 28, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodismo i Ciències de la Comunicació, 2002.

riguroso reportaje de investigación escrito mediante procedimientos y recursos de procedencia novelística (1998: 90).

- BORRAT, Héctor. “El primado del relato”. *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, nº 25, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació, 2000.
- BORRAT, Hector. “Hacia una teoría de la especialización periodística”. In: *Revista Anàlisi*. Facultad de Ciencias de la Información de la universidad Autónoma de Barcelona. Nº 15, 1993. p. 79-84.
- BORRAT, Hector. “El periodico, actor del sistema politico”. *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, nº 12, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació, 1989.
- BORRAT, Héctor. *El periódico, actor político*. Barcelona: Gustavo Gilli, 1989.
- CASASÚS, Josep Maria. “Noves perspectives en l’anàlisi de les crisis dels gèneres”. *Periodística*, 1995, Barcelona, p. 37 – 42.
- CASASÚS, Josep Maria. *Ideología y analisis de medios de comunicación*. Barcelona. Dopesa, 1972.
- CASASÚS, Josep Maria; LADEVÉZE, Luis Núñez. *Estilo y géneros periodísticos*. Barcelona: Ariel, 1991.
- CHILLÓN, Albert. “El 'giro lingüístico' y su incidencia en el estudio de la comunicación periodística”. *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, nº 22, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació, 1998. p. 63 – 98.
- CHILLÓN, Albert. *Literatura y periodismo*. Bellaterra: Servei de Publicacions, Colección Aldea Global, 1999.
- ECO, Umberto. *Cinco escritos morales*. Barcelona: Delbolsillo, 2000.
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier. Informática y estadística. Los nuevos desafíos de periodismo especializado. In: Revista *TELOS*. Madrid, diciembre 1993 - febrero 1994. Disponível em (Acesso em março de 2008): http://www.campusred.net/telos/anteriores/num_036/index_036.html?cuaderno_central3.html
- FERNÁNDEZ DEL MORAL, Javier; ESTEVE RAMÍREZ, Francisco. *Fundamentos de la Información Periodística Especializada*. Madrid: Editorial Síntesis, 1996.
- FONTCUBERTA, Mar de. *La noticia*. Barcelona: Paidós, 1993.
- FONTCUBERTA, Mar de. *Estructura de la noticia periodística*. Barcelona: ATE, 1981.
- GOMIS, Lorenzo; MATÍNEZ ALBERTOS, Jose Luis; LADEVÉZE, Luis Nuñez; CASASÚS, Joseph Maria. “Encuesta: ¿vive la comunicación periodística un cambio de paradigma?”. *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, nº 28, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació, 2002. p. 157 – 185.

-
- GOMIS, Lorenzo. *Teoria del periodismo. Cómo se forma el presente*. México: Paidós, 1991.
- GOMIS, Lorenzo. *El medio media*. Madrid: Seminarios y Ediciones S.A., 1974.
- LADEVÉZE, Luis Nuñez. *La construccion del texto*. Madrid: Eudema, 1991.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. *Curso general de redacción periodística*. Madrid: Paraninfo, 1992.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. *El lenguaje periodístico*. Madrid: Paraninfo, 1989.
- MARTÍNEZ ALBERTOS, José Luis. *La noticia y los comunicadores públicos*. Madrid: Pirámide, 1978.
- ORIVE, Pedro; FAGOAGA, Concha. *La especialización en el periodismo*. Madrid: Dossat, 1974.
- PARRAT, Sonia Fernandez. “El debate en torno a los géneros periodísticos en la prensa: nuevas propuestas de clasificación”. *Zer. Revista de estudios de comunicación*. n° 11. noviembre. 2001. Disponível em: <http://www.ehu.es/zer/zer11web/sferparrat.htm>. (Acesso em setembro de 2008).
- QUESADA PÉREZ, Montserrat. *Periodismo Especializado*. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.
- VIDAL CASTELL, David. “La transformación de la teoría del periodismo: una crisis de paradigma?” *Anàlisi. Quaderns de Comunicació i Cultura*, n° 28, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, Departament de Periodismo i Ciències de la Comunicació, 2002.
- VIDAL CASTELL, David. *Alteritat i presència*. Bellaterra: TD, 2001.